

# Clínica com adolescentes: de que pai se trata?\*

(Clinica with adolescents: what parent does it concern?)

Vera Lopes Besset\*\*

## Resumo

Atualmente, o saber reconhecido é aquele que se afirma em nome da ciência. Vários ‘especialistas’ freqüentam a mídia oferecendo saber sobre tudo e todos – médicos, psicanalistas, psicólogos, educadores, entre outros. No caso dos adolescentes, uma consequência disso, evidenciada na clínica, são as dificuldades dos pais, desautorizados para assumir a responsabilidade inerente ao lugar que ocupam: buscando ‘acertar’, temendo perder o amor dos filhos, alguns praticamente renunciam a educá-los, deixando essa tarefa a cargo da escola, que não tem vocação nem competência para tal. Ao mesmo tempo, em nome de uma pretensa independência dos filhos, terminam, muitas vezes, por deixá-los sozinhos, no desamparo. O desafio que o trabalho com esses pais nos coloca é, com base no saber específico do qual dispomos, o da psicanálise, fazer valer a “douta-ignorância”, atribuindo saber, mesmo que suposto, ao sujeito que nos fala. Uma orientação despida de qualquer objetivo pedagógico especifica essa modalidade de atendimento.

Palavras-chave: Psicanálise; Adolescência; Sujeito.

## DE SONHOS E MITOS

**P**ara o que não tem explicação, solução, resposta, os povos ditos primitivos construíram mitos. Elaborar conceitos é, de certo modo, igualmente, construir mitos que nos permitem abordar o que se apresenta sem sentido, inominável. Não por acaso, Freud apresenta suas formulações sobre as pulsões como nossos mitos. É com a construção de um mito, precisamente, o da morte do pai, que ele aborda as relações entre o desejo e a Lei.

---

\* Texto original recebido em maio/2005 e aprovado para publicação em junho/2005.

° Texto referente à pesquisa, em andamento, intitulada “O tratamento analítico: da suposição à responsabilidade”, realizada com apoio do CNPq e coordenada pela autora.

\*\* Doutora em Psicologia pela Universidade de Paris 5, professora do Programa de Pós-graduação e pesquisadora do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisa e Intercâmbio para a Infância e Adolescência Contemporâneas (Nípiac), do Instituto de Psicologia da UFRJ; e-mail: besset@terra.com.br.

O estudo dos sonhos, sonhos de crianças em que identifica desejos de morte dos pais, leva esse autor a uma primeira abordagem do que denominará complexo de Édipo, por sua semelhança com o drama grego “Édipo Rei”. Para ele, essa tragédia de Sófocles comove cada sujeito humano pelo fato de figurar uma problemática que lhe é própria. Nela, três questões estão implicadas: a sexualidade infantil, o incesto e a culpa que implica punição.

Tem que haver em nossa interioridade uma voz predisposta a reconhecer o império fatal do destino de Édipo... E, com efeito, um fator assim está contido na história de Édipo. Seu destino nos comove porque poderia ter sido o nosso, porque antes de nosso nascimento o oráculo fulminou sobre nós esta mesma maldição... Como Édipo, vivemos na ignorância desses desejos que ofendem a moral, desses desejos que a natureza forçou em nós e após sua revelação bem queríamos afastar a visão das cenas de nossa infância (Freud, 1900/1987, p. 271-272).

Por intermédio de um mito, exposto em *Totem e Tabu*, Freud apresenta sua teorização sobre as bases do laço social que funda a civilização e faz do homem um ‘ser cultural’. Nesse momento, afirma “No início era a ação”, tomando como referência as palavras de João na Bíblia Sagrada e contrapondo-se a elas (Freud, 1930/1988, p. 162). Faz, desse modo, referência ao banquete totêmico, após o assassinato do pai da horda primitiva, “pai-todo-poderoso” que o autor compara ao deus da religião, “deus-pai”, temido, mas amado e admirado. A incorporação dos atributos desse pai-supremo dá-se, então, por ingestão/devoração. Em cerimônia que Freud compara à eucaristia, a ingestão de sua carne torna, por identificação, seus filhos tão poderosos quanto ele.

Assim, o assassinato do pai elimina o tirano, mas faz de cada um assassino. O pai morto funda a Lei – da interdição de posse das mulheres do mesmo clã – que vai possibilitar aos irmãos, ligados entre si pela ação do assassinato e pela culpa correspondente, a construção de uma aliança, laço primeiro para o estabelecimento de grupos exogâmicos.

A Lei da interdição, teorizada pela psicanálise como castração, é enfatizada por Lacan em sua função, articulada ao complexo, dito de Édipo, na estruturação dos sujeitos. “Não reintegrarás o teu produto”, eis a Lei – paterna – interdição que, incidindo sobre os pais, interdita o usufruto, gozo, desse objeto-criança.

É em referência a essa interdição que a afirmação de um declínio da função paterna, presente no contemporâneo, adquire sentido. Desde o início de seu ensino, J. Lacan enfatiza a importância do Édipo na construção da subjetividade, valendo-se dos princípios do estruturalismo para pensar os modos de relação com o saber da castração: neurose, psicose e perversão. No final dos anos de 1960, entretanto, no seminário sobre o ato analítico (Lacan, 1967-1968),

afirma que “o Édipo não passa de um mito que permite aos analistas definir os limites de sua operação” (Lição de 21 de fevereiro de 1968). Pouco depois, discorrendo sobre o avesso da psicanálise (Lacan, 1969-1970), chega a dizer que o Édipo é um “sonho freudiano”. É que, já naquele momento, a prática clínica indica os limites dessa formulação.

Atualmente, as coordenadas de uma cultura marcada pelo declínio dos ideais têm conseqüências sobre os sujeitos que nela vivem e, eventualmente, buscam tratamento psicanalítico. Cabe ao analista, para além da dimensão de mitos ou de sonhos dos conceitos dos quais dispõe, tomá-los em seu valor de instrumentos para operar na clínica. A proposta deste texto insere-se nessa perspectiva, apoiando-se em dados de uma prática clínica com adolescentes, onde as relações com os pais e, conseqüentemente com o saber, estão em questão.

## DE QUE SABER SE TRATA?

Em nossos dias, o saber reconhecido é aquele que se afirma em nome da ciência. Vários “especialistas” freqüentam a mídia assiduamente oferecendo saber sobre tudo e todos – médicos, psicanalistas, psicólogos, educadores, entre outros. No que diz respeito aos adolescentes, uma das conseqüências disso é o que a clínica evidencia – são pais desautorizados e com dificuldades para assumir a responsabilidade inerente ao lugar que ocupam. Responsabilidade que, para um autor como Winnicott (1975), é necessária na adolescência. É o que indica ao afirmar que os pais devem se manter no lugar de responsáveis, que esse lugar não deve ficar vazio. Somente dessa forma será possível um afrontamento que poderá permitir a cada jovem assumir, por sua vez, sua responsabilidade de adulto, que se ligaria à produção e à reprodução. Isso porque, no percurso de um sujeito, em sua passagem da adolescência para a idade adulta, está implicado um assassinato, atrelado à assunção do lugar do genitor de mesmo sexo, para cada um (Besset, 1998).

Quanto aos pais, diante da dificuldade da tarefa de educar e buscando “acertar”, como se diz, mas temendo perder o amor dos filhos, muitas vezes renunciam, praticamente ‘saem de cena’, deixando essa tarefa a cargo da escola, que não tem vocação nem competência para tal. Ao mesmo tempo, em nome do desenvolvimento de uma pretensa independência em seus filhos, conseguem somente deixá-los sozinhos, no desamparo.

O desafio que o trabalho com esses pais nos coloca é, com base no saber específico do qual dispomos, o da psicanálise, fazer valer a “douta-ignorância”, atribuindo saber, mesmo que suposto, ao sujeito que nos fala. Delineia-se, as-

sim, uma orientação despida de qualquer objetivo pedagógico, que especifica essa modalidade de atendimento. Isso fica evidente no momento de um caso clínico, sobre o qual, no só-depois da construção, se verificou uma espécie de confronto imaginário entre dois saberes.

Os dados da clínica que escolhemos trazer para debate são fragmentos de uma experiência que se mostra paradigmática daquilo que nós, analistas, temos a oferecer aos sujeitos que nos procuram. Trata-se, assim, daquilo que o trabalho com esses pais, que nos trazem seus filhos adolescentes, pode contribuir para nos fazer avançar em nosso percurso de formação permanente. É por não saber de antemão o que eles, pais, devem fazer, não saber, igualmente, o que seria melhor para seus filhos, que nos é possível ofertar uma via particular, diversa de outra que seria inspirada numa pedagogia. Pois, na experiência analítica, trata-se de colocar a trabalho, justamente, os significantes que se relacionam a um saber que não se sabe. Por isso mesmo, a interpretação pode intervir como meio-dizer, enigma geralmente recolhido na trama do discurso do sujeito. Enigma que ali comparece, presentificando o inconsciente. Na tragédia, Édipo sofre as conseqüências pela decifração de um enigma. Para cada sujeito, está em jogo a responsabilidade pelas conseqüências sobre o que aceita ou não saber. Deixemos falar a clínica.

## DE QUE PAI SE TRATA?

Uma adolescente, 13 anos, que chamarei Luiza, vem às consultas por estar triste, não tem amigos. Como causa para tanto, alega sua dificuldade para conversar com os colegas na escola por “não ter assunto”. Seus interesses são limitados e se distanciam muito daqueles demonstrados por jovens de meio socio-cultural equivalente. Não gosta de cinema, embora goste de ir a *shopping*. Além disso, julga as “meninas” de sua turma no colégio “muito infantis”, em sua maioria. Ao mesmo tempo, gosta de “conversar” pelo computador. No tratamento, faz valer a alegada “falta de assunto”, falando muito pouco.

As coisas caminham muito lentamente, mas o mal-estar diminui na escola e se localiza em casa. Traz repetidas queixas em relação a sua mãe. Essa mãe é médica, médica de sua filha, inclusive, malgrado as indicações da analista sobre a adequação de se buscar outro profissional que pudesse cuidar do corpo dessa mocinha. Sem muito saber o porquê, mas supondo que poderia ser interessante ouvir essa mãe, quando até aquele momento tinha ouvido o casal, em entrevistas regulares, ofereço-lhe um espaço de fala. Aceita vir para ajudar a filha, mas lhe é bastante penoso “se expor” para outra pessoa, conta-me Luiza.

É preciso acrescentar, neste ponto, que essa jovem teve uma doença física poucos meses antes de pedir para me ver. Tinha sido minha paciente um ano antes, durante alguns meses e saiu depois de uma melhora sintomática rápida, que surpreendeu os pais. Teve uma doença rara, resultado de uma hepatite subclínica, em que não há sintomas manifestos e, por esse motivo, não foi tratada. Em função disso, a menina foi internada no hospital onde a mãe trabalha, referência na área em que essa é especialista. Com a doença, essa filha parece ter ocupado junto à mãe o lugar invejado de seus pequenos pacientes. É a própria mãe quem fala dos ciúmes da menina ao ver as fotos dos pacientes em seu colo, por exemplo.

Na entrevista à qual me refiro aqui, algo se passou em torno do saber e me fez refletir sobre a questão da função do não saber nesse tipo de experiência. Para minha surpresa, nessa ocasião, a mãe revela as conseqüências que o tratamento da filha têm para ela: um trabalho de interrogação, valendo-se de sua própria história, sobre as causas dos problemas na relação entre as duas. Reflexão que a leva a pensar em suas relações com sua própria mãe e a deter-se em conjecturas sobre seu percurso de vida. Isso porque supõe que algo seu pode estar em jogo nos transtornos que acometem sua filha. No entanto, não consegue saber o que é. Esperava ouvir uma resposta a sua pergunta.

Ante seu questionamento e diante de sua demanda, propus alguns caminhos, vias possíveis para uma elaboração de saber com base no que ela colocava ali. Mas, cada encaminhamento proposto recebia um “não é isso” como resposta. Não é difícil supor a presença de uma resistência, já que lhe custava muito vir falar. De todo modo, respeitei seu “não é isso”, submeti-me a ele, por assim dizer. Em todo caso, aceitei-o. Disse-lhe, em vista disso, repetidas vezes: “Não sei”. Talvez, assim, tenha deixado vazio o lugar que faria valer o obstáculo de uma relação imaginária de confronto, rivalidade, entre dois saberes. Lembremos que se trata de alguém com diploma de médico, especializada em crianças com doenças graves.

Mas, em face do meu “não-saber”, declarada ignorância, uma fala diferente se produziu. Visivelmente emocionada, controlando dificilmente as lágrimas, a mãe de Luiza revelou, então, temer que sua filha se tornasse, tal como seu marido e sua irmã (que faleceu após longa e terrível doença, na cama de sua filha) uma pessoa dependente. Essa irmã tinha sido tratada na casa dela (no quarto de da sobrinha na cama de quem faleceu). Um ano depois, ao chegar para o primeiro período de tratamento, Luiza ainda dormia na mesma cama, no mesmo quarto em que sua tia agonizara e morrera. Disse de sua preocupação e do seu interesse em que a menina se tornasse independente como ela que “se virou” sozinha, desde o falecimento de seu pai, aos 11 anos... Onze anos, sublinhe-se,

era a idade da menina ao vir pela primeira vez. Prefere isso para ela, diz, essa independência. Mesmo se, confessa quase furtivamente, com um fio de voz, essa posição lhe traga muita solidão...

A morte do pai parece um marco para esse sujeito. De todo modo, essa menina que perdeu o pai decidiu buscar um saber para fazer frente ao sofrimento. Fechou-se, ao mesmo tempo, a qualquer indagação maior; era preciso ser independente. Nesse caso, o saber foi usado, serviu para obturar, tampar, preencher o vazio que se instalou. Se um pai pode ser incompetente, e falhar quando mais se precisa dele, ser dependente pode parecer arriscado demais para um sujeito, sobretudo no caso de uma criança. Quando o inesperado acontece, rompendo bruscamente com os mitos, de que adianta sonhar?

Algum tempo mais tarde, no tratamento da adolescente, quando o casal se queixava da piora da filha, em outra entrevista, essa mulher apresentou-se como detentora de um saber, sobretudo um “saber-fazer” com crianças e jovens, por sua formação especializada e atuação profissional, como instrumento para “não-querer saber” sobre sua implicação no mal que afligia a filha. Na “aposta” de uma análise, o saber que está em jogo é distinto desse saber supostamente científico, que preenche as lacunas, e não deixa lugar para um sujeito.

Na experiência da análise, o engajamento do sujeito, ligado à responsabilidade do analista, atrela-se ao consentimento que esse sujeito expressa em ir além do pai. Ou seja, além do saber com o qual o mito do Édipo nos conforta, posto que, então, esse pai, ou esse mito, se revela “aquém” da tarefa de fornecer um sentido último, um sentido definitivo ao que se apresenta como “fora do sentido”.

No caso que nos ocupa aqui, o que se desvela pelo sofrimento da adolescente que vem buscar ajuda é que o pai, seu pai, não lhe é de muita valia ante a vontade dessa mãe, seus caprichos. Por isso mesmo, é vã a tentativa, diversas vezes reiterada, de buscar apoio naquele que, segundo ela, poderia ajudá-la. Em diversas ocasiões e por diversos motivos, a adolescente tenta fazer valer a opinião desse pai, alegando que as opiniões dele são geralmente muito próximas das dela.

No âmbito da experiência analítica, o sofrimento, que insiste, escava sulcos na fala, abrindo espaço para que uma interrogação se construa. Dessa maneira, algo de novo pode ser vislumbrado, e uma questão se configurar lá onde a certeza da pulsão imperava. Promessa de um saber que compete ao sujeito, tal como um enigma – como se passa no encontro de Édipo com o oráculo – decifrar. A ficção do sujeito suposto saber é uma promessa de sentido que põe o sintoma em relação com o Outro. Então, não nos é possível, no tratamento, dispensar a construção, digamos, de um “desejo de saber” que se atrela a uma dimensão de verdade – de fala – do sintoma.

## A PAIXÃO DO ANALISTA: IGNORÂNCIA

No texto “Variantes de la cure-type”, escrito em 1953, Lacan designa a “paixão da ignorância” como a “paixão” própria ao analista. Ao mesmo tempo, indica que a formação do analista deve ser colocada em questão a cada caso, aplicando-se a ela o que Freud, no texto sobre o “Homem dos Lobos”, propõe para a psicanálise. Assim, entendendo o sintoma como retorno da verdade recalçada, convida o analista a “reconhecer em seu saber o sintoma de sua ignorância” (Lacan, 1966, p. 358-359). Esclarece que a ignorância, aí, não deve ser entendida como ausência de saber, mas como uma paixão do ser; tal como o amor e o ódio.

A suposição de saber, que sustenta a transferência, é uma suposição lógica que se apresenta como imputação de ignorância. Imputação que se pode fazer ao analisante ou ao analista: “O não sei, em certo sentido, é do analista”, lembra Miller (1999, p. 123). Ao mesmo tempo, o não sei poderia também ser imputado ao paciente, que fala baseando-se na posição do recalque, ou seja, do que não sabe, mas de todo modo, sabe. Na paixão da ignorância, não se trata de uma paixão de saber nada. Inscrevendo-se em relação ao saber, o não sabido pode ser o marco mesmo do saber, se seguirmos a formulação de Lacan, no texto já citado:

O fruto da revelação da ignorância é o não-saber, que não é uma negação de saber, mas sua forma mais elaborada. A formação do candidato não poderia se completar sem a ação de um mestre ou mestres que o formam a esse não-saber; na falta do quê ele não será nunca mais do que um robô de analista (Idem).

Considerar que se sabem muitas coisas e que somente algumas se ignoram levar-nos-ia a um esquema no qual a ignorância estaria situada no conjunto do saber, como nos propõe Miller. De acordo com essa concepção, haveria uma ignorância no saber, ilustrada na Figura 1 como conjunto vazio:

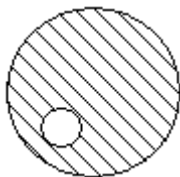


Figura 1. Conjunto vazio (Miller, 1999, p. 222)

Ao contrário, a paixão da ignorância supõe a ignorância situada no contorno do espaço do saber, que é conjunto vazio mostrado na Figura 2:



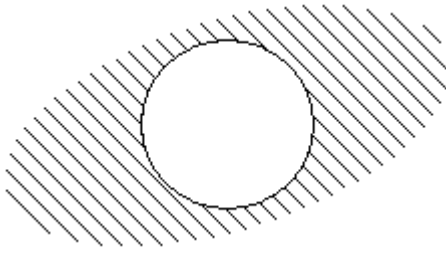


Figura 2. A ignorância situada (Miller, 1999, p. 222)

Espaço deixado vazio para o saber, ou melhor, para a invenção de saber, como no esquema mostrado na Figura 3:

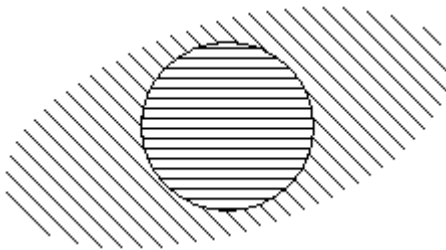


Figura 3. A invenção do saber (Miller, 1999, p. 222)

Mas, qual seria a relação dessa paixão da ignorância com a formação e, até mesmo, com a posição do analista na experiência analítica? Valemo-nos das palavras de Miller para propor um esboço de resposta: “A paixão da ignorância significa invenção de saber, é seu outro nome. Fazer como se não se soubesse nada é simplesmente a condição para que um analista siga interessando-se pela análise e, sobretudo, siga interessando-se por seu analisante, pelo que o analisante aporta ao lugar vazio que a ignorância do analista oferece a sua invenção.”... “o analista deve estar – se me permitem – calado até os ossos por esta paixão da ignorância” (Miller, 1999, p. 222). Em suma, o que se denomina, assim, “paixão da ignorância” é a definição de uma posição que pode favorecer, do lado do sujeito que se trata, a emergência ou a construção de um saber que lhe é particular. Essa posição de “ignorância” do analista, ou de “não-saber” sobre o desejo de um sujeito, pode ser uma das vias de caracterização de sua função na cena analítica. Essa recusa em se colocar em um lugar de saber prévio sobre aquilo que causa o ser falante, é fruto do rigor de uma formação, que se constrói, nesse caso específico, no próprio percurso de análise de um analista.



## DO AMOR, DE SABER E DE TRANSMISSÃO

No que concerne à experiência analítica, é com ferramentas tomadas de empréstimo no campo da lógica e da topologia que Lacan avança na construção de instrumentos para explicitar o que ali está em jogo. Nesse sentido, o discurso do analista indica que seu dizer não se confunde com o dizer de um sujeito dividido por seu desejo ou inspirado por seu gozo. O lugar que nele lhe é determinado garante a neutralidade necessária a sua função. Nesse contexto, é a transferência, em sua vertente de amor, que dá a base de sua ação. No final de seu ensino, numa conferência pronunciada em Bruxelas, Lacan (1977) afirma: “O que nossa prática revela, nos revela, é que o saber, saber inconsciente, tem uma relação com o amor”. Assim, é possível dizer que o trabalho analítico tem no amor sua condição de possibilidade. Todavia, sua ação não se realiza em nome do amor, nem tampouco em nome do pai.

Assim, se para cada sujeito, no percurso analítico, é questão de saber e de não-saber, para cada analista, em seu percurso de formação, ancorado em seu próprio percurso de análise, coloca-se a questão das relações com o que um pai pode saber ou o que do pai se pode saber. Nesse ponto, valendo-nos da clínica com adolescentes, retomamos a pergunta que figura no título deste trabalho: “De que pai se trata?”. Tratamos um pai ou seria questão, ao contrário, de “inventar” um pai, construí-lo? Seria o pai prévio ou seria ele nosso mito, construção? No início está a ação ou está o verbo?

Pode-se avançar na investigação deste tema, tomando-se o ‘não-saber’ em referência ao confronto com o gozo do pai para refletir sobre o lugar e a função do trauma no percurso da constituição de um sujeito. De todo modo, se é de um pai que se trata, é certamente da relação de uma mulher com o pai, ou melhor, com a lei de interdição que a des-completa, que a faz não-toda mãe.

Para além daquele que representa a lei, um pai deve ser aquele que merece o amor. Isso o coloca, tal como a mãe, como um sujeito a quem algo falta e, por isso, ama, se seguimos a teorização de Lacan no Seminário sobre a transferência. Não por acaso, no final de seu ensino, é como aquele que coloca uma mulher como causa de seu desejo que Lacan define o pai. Igualmente submetido à castração, esse pai, distante do pai terrível da horda primeva, é aquele que, por não saber tudo, pode deixar aberta a hiância, para que um desejo de saber do lado do filho possa surgir. Nesse sentido, o pai é aquele que aceita transmitir uma herança, herança da castração (Ferrari, 2004, p. 106) que humaniza seus filhos. A via do amor de transferência é propícia igualmente a essa transmissão, posto que seu propósito, paradoxalmente, é a separação do sujeito daquilo que pode se apresentar, para ele, como seu destino, na contramão da alienação à qual o amor comum muitas vezes nos conduz.

## Abstract

In today's world, knowledge is accredited only when it exists in the name of science. Many 'experts' make use of the media offering *knowledge* about everything and everyone – physicians, psychoanalysts, philosophers, educators and many others. When it concerns adolescents, one consequence of that, clearly detected in clinics, is the parents' difficulties, as they feel unauthorized to take over the *responsibility* inherent to their role: trying to do the right thing, and fearing the loss of their children's *love*, some give up the task of educating them, leaving it for the school to perform, though it is not endowed with the vocation or the competence to do so. At the same time, in the name of the children's so-called *independence*, they end up by leaving them by themselves, totally *neglected*. The challenge to work with those parents is, with basis on our specific knowledge, that of psychoanalysis, making use of '*learned ignorance*', and attributing knowledge (even if '*supposed*') to the subject who speaks to us. That specific mode of assistance consists of guidance deprived of any pedagogical aim.

Key words: Psychoanalysis; Adolescence; Subject.

## Referências

- Besset, V. (1998). Adolescência, sexualidade e subjetividade. *Psychê*, 2 (2), 71-78.
- Ferrari, I. (2004). Anorexia: forma de dizer que o desejo é o motor da vida. *Pulsional Revista de Psicanálise*, 17 (177), 102-110.
- Freud, S. (1987). La interpretación de los sueños. In: S. Freud. *Obras Completas*. (Vol. IV) Buenos Aires: Amorrortu.
- Freud, S. (1987). Totem e Tabu. In: S. Freud. *Obras Completas*. (Vol. XIII). Buenos Aires: Amorrortu.
- Lacan, J. (1966). Variantes de la cure-type. In: J. Lacan. *Écrits*. (p. 323-362). Paris: Seuil.
- Lacan, J. (1977). *Propos sur l'hystérie*. Conferência pronunciada em Bruxelas, em 26 de fevereiro 1977.
- Lacan, J. (1991). *Le Séminaire. Livre XVII. L'envers de la psychanalyse*. Paris: Seuil.
- Lacan, J. *Seminário XV: O ato psicoanalítico*. (Inédito)
- Miller, J.-A. (1999). *Los signos del goce*. Buenos Aires: Paidós.
- Naveau, P. (2002). O gozo do pai e o desejo da mãe. *Curinga*, 15 (16), 144-155.
- Winnicott, D. (1975). *Jeu et réalité*. Paris: Gallimard.